

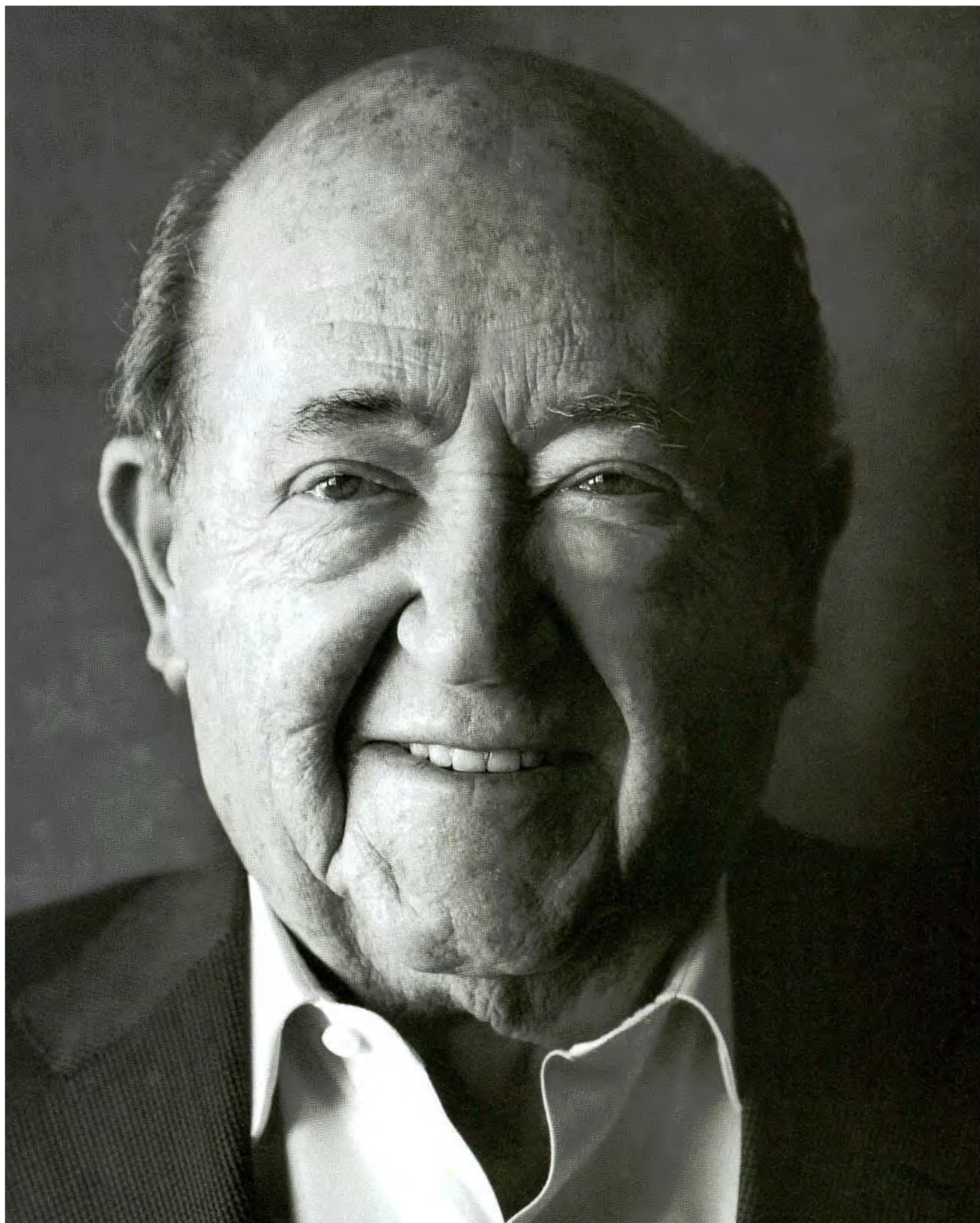
02

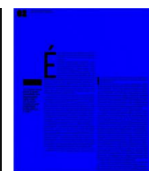
VIAJANTE PROFISSIONAL /
PROFESSIONAL TRAVELLER

EM MAIS DE 80 ANOS DE VIDA, O EMPRESÁRIO **ANDRÉ JORDAN** NUNCA PAROU DE VIAJAR – NEM DE TRABALHAR. TRAZ NELE O MUNDO TODO – E O NOME INSCRITO NA CRIAÇÃO DOS MELHORES CLUBES DE CAMPO DE PORTUGAL. UM HOMEM DE VALORES E DE FIBRA.

IN OVER 80 YEARS OF LIFE, **ANDRÉ JORDAN**, ENTREPRENEUR, HAS NEVER STOPPED TRAVELLING – OR WORKING. A CITIZEN OF THE WORLD, HIS NAME IS BEHIND THE CREATION OF ONE OF PORTUGAL'S BEST COUNTRY CLUBS. HE'S A MAN OF VALUES AND FORTITUDE.

por / by **JOANA STICHINI VILELA** retrato por / portrait by **KENTON THATCHER**





III “Quero fazer parte e quero contribuir nos lugares para onde viajo.”
III “I want to join in and contribute to the places I visit.”

É um cliché pensar na vida como uma viagem. Mas o que é aborrecido nos clichés é que muitas vezes só existem porque são verdade.

Mal nos sentamos para conversar, o empresário André Jordan atalha que acha curioso o nome desta rubrica da UP – Viajante Profissional – porque quase nunca foi turista. “Sempre quis ir a lugares com os quais tenho algum relacionamento. Se não, é um pouco como um filme: vai ver por fora, mas não vê por dentro.” Da mesma forma, e a propósito das múltiplas paragens por onde viveu ao longo da vida, do Rio de Janeiro a Paris, passando por Nova Iorque e Buenos Aires, afirmará ser, não do país, mas da comunidade: “Quero fazer parte e quero contribuir”. Já há muito tempo que faz parte da portuguesa. Mas, por razões pessoais e familiares, anda entre Inglaterra, Estados Unidos e Brasil.

De uma das mesas do restaurante do Belas Clube de Campo avistamos aquilo que tem sido a vida de Jordan nos últimos anos: um empreendimento de 2100 habitações numa propriedade de 400 hectares perto de Sintra, a meia hora de carro de Lisboa. Um terço das casas estão vendidas. Dentro de poucos dias segue para o Rio de Janeiro e São Paulo para sessões de apresentação do projeto, que pode ser conhecido numa loja-boutique no centro comercial Fashion Mall em São Conrado, no Rio (cidade que recentemente lhe atribuiu a Medalha de Mérito Pedro Ernesto). A crise financeira deixou o negócio em banho-maria. Agora, aos 83 anos, está a apoiar o filho Gilberto no relançamento. Na verdade, não sabe viver sem trabalhar. Adiantará que foi “formado numa ética de trabalho”. Herança, não da mãe, “uma intelectual romântica”, mas do pai, de uma família de industriais polacos do petróleo. “Lembro-me que durante muitos anos quando abria um jornal no escritório me sentia culpado. Mesmo agora, custa-me quando não vou ao escritório de manhã – embora esteja a trabalhar em casa.” Já o lado literário, que na juventude o levou a vestir a pele de jornalista, é mais consciente. Quer deixar “um legado de experiências”. Lá para a primavera de 2017 deverá sair o novo livro: *Viajando pela Vida em Oito Décadas e Meia*.

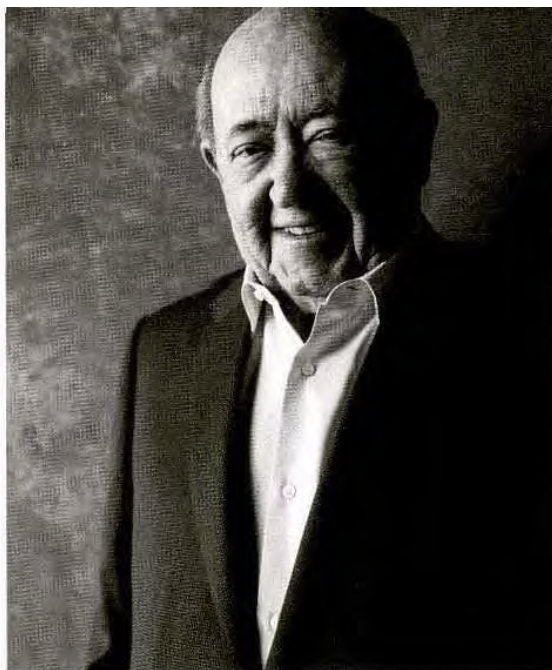
André Jordan chegou a Portugal em 1970. Não foi a primeira vez nem seria a última, numa vida sempre em

It's a cliché to think of life as a journey, but what's irritating about clichés is that often they only exist because they're true.

We've barely sat down to talk as entrepreneur André Jordan says he finds the name of this UP feature – Professional Traveller – odd as he's hardly ever been a tourist. “I've always wanted to go places I am somehow connected to. Otherwise, it's a bit like a film: going to see the outside, without seeing the inside.” Similarly, regarding the many places he's lived throughout his life, from Rio de Janeiro to Paris, including New York and Buenos Aires, he says he's not living in a country, but a community, as “I want to join in and contribute.” He's currently in the Portuguese community, but for personal and family reasons, travels between the UK, the USA and Brazil.

From one of the tables at the Belas Country Club, we consider what has occupied Jordan's last few years: a project for 2100 dwellings on a 400-hectare development plot near Sintra, a half-hour drive from Lisbon. A third of the properties are sold. In a few days, he's off to Rio de Janeiro and São Paulo for promotional events, the financial crisis having lessened interest in the project (which can be seen in the respective shop-boutique at the Fashion Mall in São Conrado, in Rio – the city that recently gave him the Pedro Ernesto Merit Medal). Aged 83, he's now helping his son, Gilberto, to re-launch it. The truth is he can't live without working. He adds he was “brought up with work ethics”, inherited not from his mother, a “romantic intellectual”, but from his father, whose family were Polish industrialists in the oil industry. “I remember for many years feeling guilty when I opened a newspaper in the office. Even now, mornings when I don't go to the office are difficult – even though I'm working from home.” Meanwhile, his literary side, which in his youth led him into journalism, shows more awareness, wanting to leave “a legacy of experiences.” His new book, *Travelling through Life in Eight and a Half Decades*, should be released in spring 2017.

André Jordan arrived in Portugal in 1970, not for the first time or the last, his nonstop life making him an innate, rather than professional, traveller. It was, however, the most decisive. Aged 36, with two children, divorced from a Liechtenstein princess and remarried, this Polish



> trânsito, que faria dele, mais do que um viajante profissional, um viajante endógeno. Foi, sim, a mais decisiva. Então com 36 anos, dois filhos, um divórcio da princesa do Liechtenstein e um segundo casamento, o polaco naturalizado brasileiro chegava em busca de uma visão. Dois anos antes, o pai morrera e ele optara por vender as empresas da família. Fora, então, trabalhar para um magnata canadiano da área do imobiliário, um dos homens que “criaram” as Bahamas, Lou Chesler. Até que numa viagem de trabalho, também nas Caraíbas, um sueco lhe falou “no futuro”: o Algarve. “E eu pensei, ‘mas o Algarve eu conheço’.” Chesler desprezou a sugestão de expandir para aquela região do sul de Portugal, e aquilo que poderia ter sido um revés deu lugar a uma epifania. “Quando a gente entra num desvio – esse desvio deu-se por causa da morte do meu pai – de repente encontra-se no tempo e no espaço fora de tudo”, conta com um sotaque carioca. “Pensei, ‘tenho de encontrar outra solução para a minha vida. O que é que eu vou fazer? Vou para Portugal. Claro’.” E assim foi.

Em Portugal, tudo “deu certo”, mesmo com uma revolução que derrubou o regime fascista em 1974 e virou o país do avesso, ou do direito, pelo meio. A ideia de fazer um pequeno clube de campo “com um campo de golfe e uns chalés” transformou-se nos 900 hectares da Quinta do Lago, um empreendimento não “de luxo”, que Jordan não gosta da palavra (“O que é o luxo? É uma torneira de ouro?”), mas “de qualidade”, a menos de 20 quilómetros de distância de Faro, numa altura em que os próprios portugueses ainda estavam a descobrir o Algarve como destino turístico. Com um humor feito de charme e provocação, diz dedicar-se a “projetos sociais para os ricos”. E frisa: “ricos não são milionários; é a burguesia”. “O maior segredo do nosso sucesso são os valores tradicionais.” Hoje a ligação à Quinta do Lago é apenas afetiva. Vendeu tudo em 1988, exceto uma casa onde passa os fins de semana. Pelo caminho passou por aquele que considera o momento mais difícil da vida dele.

SEMPRE EM FRENTE

De tempos a tempos, Jordan envia comentários sobre a atualidade a um grupo de 400 amigos e conhecidos. São textos curtos, lúcidos e bem-humorados. Num de julho intitulado “Os loucos tomaram conta do manicómio”, escreveu: “Não me lembro de um momento de tanta

> man, naturalised in Brazil, arrived in search of a vision. His father had died two years earlier and he'd decided to sell the family businesses. He'd then gone to work for Lou Chesler, Canadian real estate magnate and one of the men who “created” the Bahamas. Then one day on a business trip in the Caribbean, a Swedish man mentioned to him “the future”: the Algarve. “And I thought, ‘but I know the Algarve’.” Chesler dismissed the idea of expanding to that southern region of Portugal and what could have been a setback turned into an epiphany. “When you go off track – and this came about because of my father's death – you suddenly find yourself out of everything in time and space,” he explains, in his Rio accent. He continues, “I thought ‘I've got to find another solution for my life. What am I going to do? Of course, I'll go to Portugal’.” And so it was.

Everything “worked out” in Portugal, even with a revolution which brought down the fascist regime in 1974, turning the country upside down, or the right way round, at the same time. The idea of creating a small country club “with a golf course and a few chalets” became the 900 hectares of Quinta do Lago, at a time when the Portuguese were still discovering the Algarve as a tourist destination. It's not a “luxury” development, as Jordan doesn't like the word (“What's luxury? A gold tap?”) but rather “quality” and within 20 kilometres of Faro. With his charming and teasing sense of humour, he says he is devoted to “social projects for the rich.” He stresses “the rich aren't millionaires, they're bourgeoisie” and “the biggest secret to our success are traditional values”. Today his ties to Quinta do Lago are merely affective as he sold up in 1998, except for a weekend holiday home. Through it though, he survived what he considers the most difficult moment of his life.

MOVING ON

Once in a while, Jordan sends commentaries on current affairs to a group of 400 friends and acquaintances. They're short, lucid and humorous texts. In one from July entitled “The lunatics have taken over the asylum”, he wrote “I can't recall a time of such political, economic, social and moral confusion throughout the world”. His statement gains weight when we realise this entrepre-

AS GRANDES VIAGENS DE JORDAN / JORDAN'S GREAT JOURNEYS

VENEZA / VENICE

“Saímos da Polónia de comboio em setembro de 1939. Eu tinha seis anos. Quando chegámos a Veneza, o impacto foi tão grande que até hoje, quando estou perto de águas paradas, sinto emoção. A minha mãe contava que eu me virei e disse, ‘Como pode haver tanta beleza?’. A minha mãe, como toda a mãe, achava que eu era um génio.”

“We left Poland by train in September 1939, when I was six. When we arrived in Venice, the impact was so great that even today I feel emotional when close to standing water. My mum used to say I turned and said ‘How can there be so much beauty?’. My mum, like any mum, thought I was a genius.”

MANHATTAN

“Em 1947, a minha mãe resolveu ir viver para Nova Iorque. Fomos do Rio de Janeiro num bimotor, um DC-3. Acho que demorou quase um dia. Quando chegámos, num dia de setembro, olhei para o céu cinza e havia um aviãozinho a escrever ‘7 Up’. No hotel perguntei o que era isso e no dia seguinte sai à rua e pedi uma 7 Up. A minha primeira experiência americana.”

“In 1947, mum decided to go and live in New York. We flew from Rio de Janeiro in a twin-prop DC-3, which I think took almost a day. When we arrived in September, I looked up to the grey sky and saw a small plane writing ‘7 Up’. At the hotel, I asked what it was and the next day went out and asked for a 7 Up, my first American experience.”

BAHIA

“Fui com uma namorada que era bastante mais velha do que eu, o que era raro na altura. Você desembarcava e era como ter chegado a um Portugal tropical do século XVIII. Era tão bonito. Aquela arquitetura a que chamamos colonial e que é barroca. E os baianos, que são todos oradores. Se quer perguntar uma coisa, reserve 15 minutos.”

“I went there with a girlfriend quite a bit older than me, which was unusual at the time. You got off the plane and it was like arriving in a tropical, eighteenth century Portugal. It was so beautiful, with its Baroque architecture that we call colonial. And Bahian people, who all love speaking. If you want to ask a question, allow 15 minutes.”

RIO DE JANEIRO

“Me envolvi muito com as escolas de samba. Fui quase um descobridor. Ninguém na zona sul do Rio conhecia a zona norte. Um amigo levou-me para ver e achei uma maravilha. Não havia nada mais glorioso. O maior movimento social-artístico do mundo. A escola era a Portela. Levei lá as revistas e ajudei a fazê-los conhecidos. Depois é que foi surgindo a bossa nova. Tive algumas amizades verdadeiras e profundas com João Gilberto, Tom Jobim e outros.”

“I became really involved in the samba schools. I was almost an explorer as no-one in Rio's south districts knew the north districts. A friend took me to see and I thought it was wonderful, nothing more glorious, the largest socio-artistic movement in the world - the Portela Samba School. I took magazines and well-known people to see it. Later, bossa nova emerged, which I also helped promote. I made real, lasting friendships with João Gilberto, Tom Jobim and others.”

confusão política, económica, social e moral distribuída por todas as partes do mundo”. A afirmação ganha nova relatividade quando sabemos que o empresário de etnia judaica nasceu em 1933, ano em que Hitler chegou ao poder, e que em 1939 estava a fugir da Polónia com os pais, precisamente no dia da invasão pelos alemães. “Por acaso”, ressalva. Oito meses depois chegariam ao Rio de Janeiro, com uma passagem por Lisboa. Tempos terríveis, mas com mais certezas. “Naquela altura havia as forças do Bem, as forças do Mal. Estava tudo mais definido.” A evolução económica, que roubou à política e à gestão pública os mais capazes, também tornou o mundo materialista, defende. Já para não falar na tecnologia, que “está destruindo milhões de empregos diariamente”. Visão negra? Nada disso. “Eu acredito na humanidade e na vitória do Bem. Ao contrário do que disse o [Francis] Fukuyama, a história está é a começar. Vai haver muitas evoluções.” E talvez fale por experiência própria.

De volta aos anos 70 e ao 25 de Abril de 1974 – “Sou social-democrata. Por isso, apesar de profundamente afetado, fui a favor da Revolução” –, Jordan teve de começar. Outra vez. Com o património nas mãos do Estado Português, viu-se de novo no Brasil e a investir. Pela primeira vez, mal. “Na ansiedade de reconstruir a minha carreira, escolhi as pessoas erradas. Passei por grandes dificuldades. Tive uma depressão.” Por vezes somos nós próprios os nossos piores inimigos. O que também soa a cliché. “Fiz terapia com uma russa. Ao princípio custou muito. A psicoterapia põe um espelho à sua frente. Tem de encarar a verdade do por que é que as coisas aconteceram. O trabalho do terapeuta é não deixar você fugir.”

Esta viagem durou ano e meio e antecedeu o regresso, em 1981, a Portugal e ao sucesso da Quinta do Lago. Jordan vê a coisa pelo outro lado. “As experiências negativas são muito didáticas. Há uma tese da Harvard Business School que diz que não se pode ter muita confiança em quem não teve fracassos. Não tem noção dos perigos.” Mas há uma outra parte da equação em que ele não fala nem sabe explicar: a disponibilidade para recomeçar. Chama-lhe “inconsciência”, “irresponsabilidade”, “compulsão”. A incapacidade de aceitar a derrota e de voltar sempre a partir. Dá sempre mais trabalho do que se imagina. “Recuperar, criar, fazer, ser útil. Eu vou em frente, sempre.”

andrejordangroup.pt



neur of Jewish ancestry, was born in 1933, the year Hitler came to power, and in 1939 was fleeing from Poland with his parents on precisely the day of the German invasion. “By chance,” he points out. Eight months later, they arrived in Rio de Janeiro, after passing through Lisbon. Terrible times, but greater certainties. “At that time, there were forces of Good and forces of Evil. Everything was much more defined.” He believes economic evolution, which poached the most able from politics and public governance, also made the world more materialistic. That’s without mentioning technology, which “is destroying millions of jobs every day”. A bleak outlook? Not at all. “I believe in humanity and the victory of Good over Evil. Contrary to what [Francis] Fukuyama says, history is only just beginning. There’ll be lots of evolutions”. He’s perhaps speaking from his own experience.

Back to the 1970s and 25th April 1974 – “I’m a social democrat. That’s why I was in favour of the revolution, despite being deeply affected.” Jordan had to start again. Again. His assets now in the hands of the Portuguese State, he found himself back in Brazil to invest. For the first time, things went wrong. “In the anxiety of rebuilding my career, I chose the wrong people, encountered great difficulties and suffered depression.” Sometimes we’re our own worst enemy, which also sounds like a cliché. “I went for therapy with a Russian lady, which was very difficult at first. Psychotherapy puts a mirror in front of you. You have to deal with the truth of why things happened. The therapist’s work is to leave you with no escape”.

The journey lasted a year and a half, prior to his return to Portugal in 1981 and to the success of Quinta do Lago. Jordan now sees it with hindsight, saying “negative experiences teach you a lot. A thesis from Harvard Business School said you shouldn’t rely too much on those who haven’t experienced failure as they have no notion of danger”. But there’s another part of the equation that he neither mentions nor knows how to explain: a willingness to start again. He calls it “unawareness”, “irresponsibility” or “compulsion”, the inability to accept defeat, to start over again. It’s always more work than it seems, as “it’s recuperating, recreating, doing, being useful. I move on, always.”

CISION

ID: 66982228

up ouse sonhar
mais alto
dare to
dream higher

01-11-2016

Tiragem: 60000

País: Portugal

Period.: Mensal

Âmbito: Viagens e Turismo

Pág: 8

Cores: Cor

Área: 4,57 x 5,31 cm²

Corte: 6 de 6

